

MARINA(S) SILVA(S): UMA LEITURA DA SUBJETIVIDADE EM PATRICK CHARAUDEAU

ALEX MOURÃO TERZI, HEJAINÉ DE OLIVEIRA FONSECA E
RAMONY MARIA DA SILVA R. OLIVEIRA*

Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais – PUC Minas

Instituto Federal de Educação, Ciência/
Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais –
IF Sudeste de MG. Bolsista Capes.

Universidade Estadual de Montes Claros –
UNIMONTES.

E

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar e descrever a subjetividade, tomando por base as concepções de Charaudeau (2001; 2006; 2009), sobretudo no que tange à Teoria Semi linguística, que sistematiza os projetos de fala empreendidos pelos sujeitos que discursivamente se constroem. O *corpus* que será objeto de análise é constituído por três enunciados, todos eles proferidos por Marina Silva: i) dois fragmentos de uma entrevista no momento em que era senadora da República; ii) um trecho do discurso de sua candidatura à Presidência da República, iii) uma fala num culto evangélico. Buscaremos, ainda, a fim de aprofundar a nossa leitura acerca da constituição dos sujeitos no ato de linguagem, abordar a noção de *ethos*, tal como preconizada por Charaudeau (2006) e Maingueneau (2008).

Palavras-chave: Subjetividade. Análise do Discurso. Teoria Semi linguística. *Ethos*. Marina Silva.

Este trabalho tem o objetivo de analisar e descrever a subjetividade, tomando por base as concepções de Patrick Charaudeau (2001; 2006; 2009).

A noção de discurso que será adotada neste texto não pode prescindir de uma definição dos sujeitos que tomam lugar no ato de linguagem. Tampouco pode ser negligenciada a dimensão psicossocial e as condições de produção dos discursos.

Nessa perspectiva, utilizaremos como referencial teórico-metodológico o quadro proposto por Charaudeau, levando-se em conta a Teoria Semi linguística que sistematiza os projetos de fala empreendidos pelos sujeitos que discursivamente se constroem.

O *corpus* que será objeto de análise é constituído por três enunciados, todos eles proferidos por Marina Silva, assim divididos:

i) dois fragmentos de uma entrevista concedida à revista *Veja*, de 02 de setembro de 2009, no momento em que era senadora da República;

ii) um trecho do discurso de sua candidatura à Presidência da República para o pleito de 2010;

iii) uma fala num culto evangélico, publicado em *Veja* (09/06/10), época da campanha política para Presidência.

Buscaremos, ainda, a fim de aprofundar a nossa leitura acerca da constituição dos sujeitos no ato de linguagem, abordar a noção de *ethos*, tal como preconizada por Charaudeau (2006) e Maingueneau (2008).

A SUBJETIVIDADE PARA CHARAUDEAU

No que concerne à análise do discurso, Patrick Charaudeau aposta que não é possível compreender um objeto de linguagem que se apresenta desprovido de sua dimensão psicossocial. E, mais, pergunta: como captar o fenômeno da significação em uma análise da linguagem que não se interessa pelas condições de produção? (CHARAUDEAU, 2001, p. 23)

Nessa perspectiva, a dimensão social e as condições em que cada enunciado é produzido devem, em qualquer análise, estar necessariamente imbricadas.

A questão central para Charaudeau é a hipótese de que uma teoria que queira dar conta do discurso tem de se ater a uma definição dos sujeitos inseridos no ato de linguagem. Para ele, o discurso não deve estar associado apenas à expressão verbal da linguagem, visto que pode ultrapassar “os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação” (CHARAUDEAU, 2001, p.24), podendo-se lançar mão, de acordo com suas próprias finalidades, de mais de um código semiológico. Importante sinalizar que, segundo este autor, o discurso tampouco deve ser confundido com o texto, o qual representa a materialização ou o resultado da encenação do ato de linguagem.

Conforme Charaudeau, o ato de linguagem não deve ser tratado tão-somente como um ato de comunicação, e nem como o resultado de um duplo processo simétrico entre emissor (como se este tivesse uma única intenção) e receptor. Diferentemente, ele aponta que o ato linguageiro pressupõe um jogo entre implícito e explícito e por essa razão:

(i) vai nascer de circunstâncias de discurso específicas; (ii) vai se realizar no ponto de encontro dos processos de produção e de interpretação; (iii) será encenado por duas entidades, desdobradas em sujeito de fala e sujeito agente (CHARAUDEAU, 2009, p. 52).

O termo discurso é reservado ao domínio do dizer, podendo encerrar o que Charaudeau (2001) trata por encenação discursiva, em oposição à encenação linguageira, que engloba tanto o nível comunicacional quanto o situacional. Dessa forma, o discurso como fenômeno de encenação do ato de linguagem compreenderá dois circuitos (cf. Charaudeau, 2009, p. 53):

1 - O “circuito da fala configurada (espaço interno)”, em que se apresentam os seres de fala (também chamados de “protagonistas”), constituídos pelo sujeito enunciador (EUE) e pelo sujeito destinatário (TUD), que são originados de um saber relacionado às representações linguageiras das práticas sociais, ou seja, o lugar de organização do “dizer” (nível comunicacional);

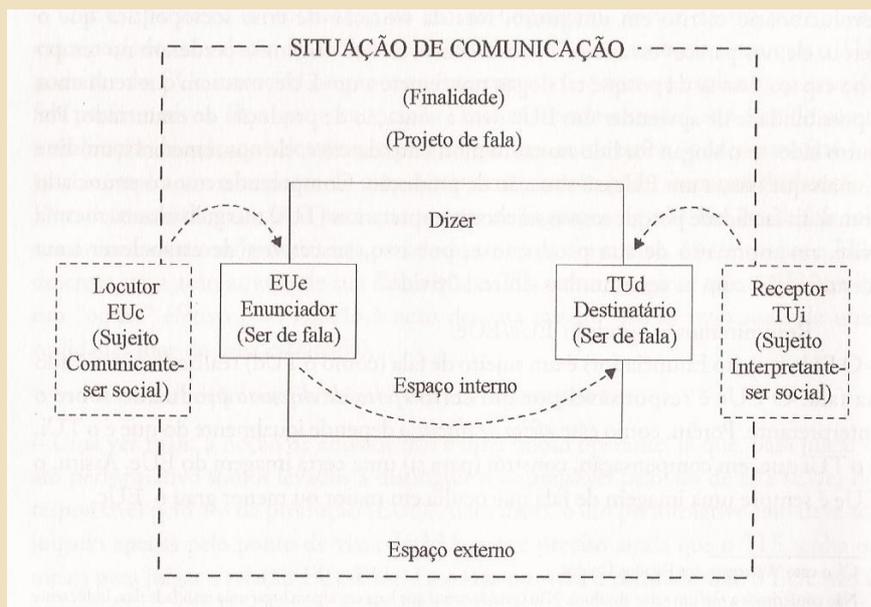
2 - O “circuito externo à fala configurada (espaço externo)”, no qual estão inseridos os seres agentes (tratados como “parceiros”), configurados pelo sujeito comunicante (EUC) e pelo sujeito interpretante (TUI), que se instituem de acordo com um saber ligado ao conhecimento da organização do “real”, representando o fazer psicossocial (nível situacional).

Pode, ainda, o discurso ser compreendido no sentido de um conjunto de “saberes partilhados”, constituído, invariavelmente, de forma inconsciente pelos indivíduos que participam de um determinado grupo social.

De acordo com a proposta de Charaudeau, o sujeito não é nem um indivíduo determinado, nem um ser coletivo preciso, “trata-se de uma abstração, sede da produção / interpretação da significação” (CHARAUDEAU, 2001, p.30), que depende, necessariamente, do lugar que esse sujeito ocupa na encenação linguageira.

Assim, vemos que as trocas linguageiras se configuram por meio do sujeito comunicante (EUC), o qual se desdobra em sujeito enunciador (EUE), que tem o objetivo de se comunicar com um sujeito interpretante (TUI), por intermédio de um outro desdobramento, que é o sujeito destinatário (TUD).

O ato de linguagem e os quatro sujeitos podem ser representados pelo seguinte esquema proposto por Charaudeau (2009, p. 52):



Como vimos anteriormente, na instância discursiva (enquadrada no circuito interno), participam os seres da palavra, ou seja, os protagonistas (EUE e TUD). Já no nível situacional, encontram-se os seres agentes, sociais, também chamados parceiros (EUC e TUI), inseridos no circuito externo. O EUE – ser de fala – é uma imagem construída pelo sujeito produtor da fala (EUC), é o seu porta-voz. Já o TUD, na interação, é o destinatário idealizado por EUE. Por sua vez, TUI é o ser social parceiro de EUC. Charaudeau (2001, p. 30) diz que esses parceiros são implicados “no jogo que lhes é proposto por uma relação contratual”, a qual depende do “desafio” construído no e pelo ato de linguagem. Isso quer dizer que os parceiros só existem na medida em que se reconheçam uns nos outros “com os estatutos que eles imaginam”.

Mello (2003b, p. 44), discutindo a subjetividade em Charaudeau, aponta que o sujeito comunicante tem a iniciativa do processo de produção do ato de linguagem. Para tanto, ele inicia a encenação do DIZER em razão desse projeto de palavra / intenção (“o que dizer?”) e de um como falar (“como dizer?”) que está associado a um conjunto de estratégias discursivas de manipulação (“Como dizer o que vou dizer de modo a convencer o meu parceiro?”), tomando por base um conhecimento *a priori* que os parceiros possuem uns sobre os outros, de maneira imaginária, lançando mão de saberes comuns.

A NOÇÃO DE *ETHOS*

Segundo Charaudeau (2006), o *ethos* tem origem na Antiguidade, quando Aristóteles dividiu os meios discursivos que influenciariam o auditório em três categorias: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*.

Maingueneau (2008) aponta que o Triângulo da Retórica

aristotélica se dava da seguinte maneira: a) instrução pelos argumentos (*logos*); b) comoção pelas paixões (*pathos*) e c) insinuação pelas condutas (*ethos*). Entretanto, aponta que sua noção de *ethos* se inscreve no quadro da Análise do Discurso e que ela vai além do domínio da argumentação, da persuasão pelos argumentos, instaurando-se num “processo mais geral de *adesão* dos sujeitos a um certo discurso.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 17).

Para ele, o *ethos* possui um laço crucial com a reflexividade enunciativa, devendo haver uma articulação necessária entre corpo e discurso (além da oposição entre oral e escrito). Essa “incorporação” toma realce na proposta de Maingueneau, enquanto a maneira como o intérprete – audiência ou leitor – se apropria do *ethos*, possuindo três registros necessários:

- i) a enunciação confere corporalidade à figura do chamado fiador (que não se confunde com o corpo do autor efetivo) – representando, assim, o enunciador;
- ii) o destinatário incorpora um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo – aparecendo a figura do co-enunciador;
- iii) essas duas incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso – o que pode ser considerado a comunidade discursiva.

Interessa-nos, especificamente neste trabalho, apontar que “o sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 115). Nessa perspectiva, propomos que as identidades discursiva e social (e por que não dizer os sujeitos imbricados na encenação linguageira?) fusionam-se no *ethos*. Dito de outro modo, o *ethos*, enquanto construção da imagem de si, liga-se à pessoa real que fala (EUc) e ao sujeito como ser da fala (EUe).

MARINA OU MARINAS?

Consoante mencionado anteriormente, dividimos o *corpus* em três enunciados, sobre os quais passaremos a discutir.

ENUNCIADO I

Este fragmento foi extraído de uma entrevista concedida por Marina Silva à Revista Veja, de 02 de setembro de 2009. A entrevista foi intitulada “Marina Imaculada”. Ainda sem nos ocuparmos da subjetividade e da noção de *ethos*, acreditamos que a construção lexical

desse título elaborada pela jornalista que assinou a matéria, Sandra Brasil, é bastante relevante.

Existe uma representação social acerca da figura da pessoa Marina Silva, em que sua imagem é atrelada ao mesmo tempo à simplicidade, à candura, à tranquilidade, mas também à luta pelos seus ideais, à defesa aguerrida de suas convicções. Nessa própria entrevista, ela é anunciada como tendo uma “biografia sem nódoas e uma doçura sem par”. Nessa mesma esteira, a mídia invariavelmente noticia que ela foi alfabetizada somente aos 16 anos pelo antigo Mobral, tendo ingressado numa universidade pública (Universidade Federal do Acre) e que venceu cinco malárias, três hepatites e uma leishmaniose, o que denota uma constante luta contra as adversidades.

O referido título remonta discursivamente à figura da mãe de Jesus, Maria, a Imaculada, que, de acordo com a tradição cristã, o concebeu por obra do Espírito Santo e que, à semelhança de Marina Silva, suportou enormes conflitos de toda ordem, tendo inclusive acompanhado a morte de seu filho na Cruz, no calvário.

Já no que concerne ao primeiro enunciado a ser analisado, verifiquemos o seguinte trecho:

Veja: “Se sua candidatura sair, como parece provável, que perfil de eleitor a senhora pretende buscar?”

Marina Silva: “Os jovens. Eles estão começando a reencontrar as utopias. Estão vendo que é possível se mobilizar a favor do Brasil, da sustentabilidade e do planeta. Minha geração ajudou a redemocratizar o país porque tínhamos mantenedores de utopia. Gente como Chico Mendes, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, que sustentava nossos sonhos e servia de referência. Agora, aos 51 anos, quero fazer o que eles fizeram por mim. Quero ser mantenedora de utopias e mobilizar as pessoas.”

O sujeito-comunicante (EUC) aqui é configurado por Marina Silva, no momento histórico em que ocupava o cargo de senadora da República pelo Partido Verde, a qual toma a iniciativa do processo de produção do DIZER.

Para esse fim, EUC constitui-se em um sujeito-enunciador (EUE), que assume o papel de possível candidata à Presidência da República, promovendo todo um discurso político tendo como foco central a grande bandeira de sua vida pública: a sustentabilidade, que encerra o sentido de desenvolvimento econômico em equilíbrio com a preservação ambiental.

É instituído por EUE o seu sujeito destinatário (TUD), sendo, num primeiro momento, a jornalista de Veja. Todavia, é nitidamente idealizado o futuro eleitor da candidata Marina Silva. Quando ela

responde que pretende “buscar” os jovens, está discursivamente se dirigindo a eles, que são inseridos necessariamente no circuito interno do ato de linguagem.

Nesse sentido, é possível inclusive perceber que há uma interpelação por parte do EUE para o TUD: os jovens estão começando a reencontrar as utopias e a se mobilizar pelo Brasil. Em outras palavras: ela aponta que os jovens “precisam” reencontrar as utopias e “necessitam” se mover pelo Brasil. Se existe uma demanda para um reencontro é porque a juventude não estava imbuída a acreditar naquilo que é um sonho a ser buscado, nesse caso, na seara política. Por outro lado, há uma representação social do jovem como o que acredita nas causas impossíveis. Em se tratando daquele momento histórico, em que a notoriedade política de Marina Silva não era tão expressiva, sobretudo para o cargo de Presidente da República, os jovens poderiam ser captados pela futura candidata, como uma via alternativa em oposição aos possíveis sucessores de Lula.

É construído um *ethos* de idealismo e até de heroísmo, de alguém que não só acredita, mas se move pelas utopias. Aqui, o sujeito enunciador se inclui no rol daqueles que redemocratizaram o Brasil.

No nível discursivo, são enumerados personagens que seriam modelos para EUE: Chico Mendes, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso, os quais foram chamados de “mantenedores de utopia”. Vale perceber que Lula e FHC são colocados na mesma sequência, um após o outro. Como se, de acordo com EUE, apesar das diferenças político-ideológicas, ambos tenham tido seu grau de importância no cenário brasileiro. Constituiu-se um *ethos* de conciliação, de tolerância: Marina, por trinta anos, foi militante aguerrida do Partido dos Trabalhadores. Por divergências com a política do PT mudou de sigla e se filiou ao Partido Verde. Assim, ao citar Lula, busca trazer uma ideia de admiração por aquele que é um ícone petista. Mencionando FHC, igualmente retoma um discurso tolerante, como se dissesse: “Olha, todas as críticas feitas a ele quando eu estava no PT não significam que eu não o respeite...” Outra questão relevante é que a referência aos dois acaba por criar uma atmosfera de aproximação / captação dos eleitores do PT e do PSDB, que hipoteticamente pudessem se encontrar insatisfeitos, buscando alguma mudança.

O TUi representa os sujeitos históricos da comunicação, são os seres sociais, aqui relacionados aos leitores de Veja, que efetivamente tiveram contato com a entrevista.

Enunciado 2

Trataremos de um trecho do discurso da candidatura de Marina Silva à Presidência da República para o pleito de 2010:

“O ser humano, como insiste meu amigo (Gilberto) Gil, é um sujeito desejante, que deseja felicidade, tranquilidade, acolhimento. E, com as potencialidades desenvolvidas, fazer suas escolhas: ser artista, advogado, economista, desocupado, se for seu desejo. Mas, tem que ter a oportunidade no tempo certo, no período certo, com justiça social.

Sei o que significa isso. Como analfabeta até os 16 anos, a única fresta pela qual passei foi a da educação, por meio do Mobral. Essa história vocês já conhecem... Mas, indo para uma universidade pública, com bons professores – que quero homenagear na pessoa do meu querido professor Waldir Calixto, que me ensinou boa parte do pouco que sei em História, do pensamento econômico, enfim, história geral, por essa fresta da Universidade Federal do Acre, estou aqui, nesta condição, ex-vereadora, ex-deputada, senadora e ex-ministra.”

Com relação aos sujeitos participantes do ato linguageiro, podemos inferir que EUc, Marina Silva, tem seu desdobramento em EUE, configurado como a já candidata à Presidência da República pelo Partido Verde, em seu primeiro discurso oficial para este fim.

O TUD, instituído como ser da fala, abarca todos os correligionários do partido, bem como a mídia e, principalmente, os possíveis eleitores de Marina Silva para o pleito de 2010. Todos eles são sujeitos construídos no e pelo discurso, protagonistas do ato de linguagem. Já o TUI constituir-se-á por aqueles que efetivamente tenham tido contato com o discurso, falado ou escrito.

É possível perceber um *ethos* de legitimação da política Marina Silva por meio de sua “história de vida”. Segundo Charaudeau (2006, p. 115), “o sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos.” Declarando-se analfabeta até os 16 anos, institui um *ethos* de aproximação com as pessoas de baixa escolaridade, as quais na maioria das vezes mostram-se também carentes de recursos financeiros.

A referência reiterada à história que “vocês já conhecem” permite a instauração de um discurso que deve ser concebido como muito relevante, e que, portanto, merece estar inarredavelmente ligado à vida de Marina, que jamais se esquece de suas “raízes” pobres no Estado do Acre.

Entretanto, ainda que o enunciador tenha vivenciado a experiência de ter sido alfabetizado somente com 16 anos, entramos num *ethos* de superação, de vitória: a despeito de todas as dificuldades,

há o ingresso na universidade pública – Universidade Federal do Acre – com “bons professores”. Institui-se, assim, um *ethos* da pessoa letrada, garantindo também aproximação com os destinatários da enunciação que tenham formação acadêmica. Dito de outro modo, o EUE foi analfabeto até a adolescência, mas hoje é intelectualizado, o que possibilita adesão a um público maior, constituído tanto por analfabetos quanto por indivíduos escolarizados, possíveis desdobramentos do TUd.

Em termos do uso do léxico, a enumeração dos cargos antes ocupados – vereadora, deputada, senadora e ministra – permite a instauração do *ethos* do político experiente, que institucionalmente acumulou na carreira inúmeras vivências, tendo várias atribuições. Charaudeau aponta que o *ethos* de competência exige de seu possuidor “um conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 125). O EUE busca demonstrar que conhece os processos da vida política, sabendo atuar de modo eficaz. Isso, em última instância, a habilitaria a ser Presidente da República.

Enunciado 3

O enunciado seguinte foi extraído da Revista Veja, de 09 de junho de 2010, numa seção de citações de vários personagens do cenário brasileiro e internacional.

“O mesmo Deus que me ama, ama Dilma, ama Serra e ama Plínio”

O EUC é Marina Silva. No entanto, o ser de fala que se apresenta neste fragmento talvez seja o mais paradigmático para apontar a multiplicidade de sujeitos que se instauram na encenação discursiva. Charaudeau (2001) diz que esses “seres de fala assumem diferentes faces de acordo com os papéis que lhes são atribuídos pelos parceiros do ato de linguagem”. (CHARAUDEAU, 2001, p. 32). O EUE, num primeiro plano, encena o papel da religiosa – há uma legenda abaixo da citação mencionando que ela estava num culto evangélico no interior de São Paulo –, mas o “porta-voz” do EUC é também a política Marina Silva, candidata à Presidência, o que é permitido verificar pelo próprio conteúdo do enunciado.

Da mesma forma, marcadamente vislumbramos um TUd que se configura pelos fiéis que participavam do evento religioso, mas que igualmente abarca os eleitores de Marina.

Com relação ao TUI, temos aqueles que social e historicamente assistiram às palavras dela no culto ou que leram a citação na Revista Veja.

Vê-se a instituição de um *ethos* religioso, cujo EUE retoma a

sessa dos discursos do Evangelho Cristão. Esse EUE garante e confirma o *ethos* de Marina Silva como mulher religiosa, cumpridora dos preceitos determinados pela sua fé.

Entretanto, pode-se perceber algo da dimensão do não dito: se em outros discursos que circulavam no contexto histórico do período das eleições para presidente da República, seus coenunciadores se deparassem com críticas por parte de Marina aos seus oponentes políticos, isso não significaria que ela não os amaria. O EUE deixa instituir – interdiscursivamente – uma prédica cristã, segundo a qual Deus não ama o pecado, mas ama o pecador.

A escolha lexical recupera o discurso da relevância do amor incondicional de Deus: o verbo ‘amar’ é citado por quatro vezes no enunciado.

Vale considerarmos o cenário da encenação linguageira que fora instaurado: o enunciado foi proferido num culto religioso. Marina Silva é pública e notoriamente reconhecida como evangélica. Esse papel assumido pelo EUE apoia-se sobre uma representação social vastamente consolidada. Apesar do ato de linguagem estar relacionada ao contrato do culto evangélico, vemos uma diversidade de desdobramentos desse sujeito enunciativo: a religiosa fala a seus irmãos de fé como candidata à Presidência da República (*ethos* político), sem, contudo, abandonar o *ethos* pastoral / predicador. Dá-se a ela um lugar privilegiado de fala na reunião religiosa, tendo o poder de dizer para seus pares, os quais têm em Marina um ícone, alguém capaz de representá-los politicamente e com quem eles compartilham seus ideais religiosos.

À guisa de conclusão, acreditamos que as concepções de Patrick Charaudeau acerca da subjetividade dão conta de apontar como discursivamente são instituídos os sujeitos que tomam lugar no ato de linguagem.

Nessa perspectiva, vemos que não há um sujeito, senhor de sua fala e de todos os sentidos que podem emergir dos enunciados que são por ele proferidos. Tampouco existe apenas um receptor, numa relação de comunicação linear. Há sujeitos que se constroem no e pelo discurso, numa constante interação enunciativa.

Todos os sujeitos enunciativos constituídos por Marina Silva podem nos levar a crer que, na realidade, existem Marinas que assumem papéis de acordo com os parceiros do ato de linguagem (EUC e TUi), os quais aderem ao jogo indicado por uma dada relação contratual.

Assim, a subjetividade tal como proposta por Charaudeau nos auxilia a compreender a multiplicidade de sujeitos que habitam as mais complexas encenações linguageiras.

Acreditamos, ainda, que a configuração do(s) sentido(s) deve obrigatoriamente levar em conta a dimensão psicossocial e as condições sócio-histórico-institucionais em que os discursos são produzidos.

ABSTRACT

This work aims to analyze and describe subjectivity, based on the concepts of Charaudeau (2001, 2006, 2009), particularly with regard to Semilinguistics Theory, which organizes the projects undertaken by the subjects of speech. The corpus analyzed consists of three statements, all delivered by Marina Silva: i) two fragments of an interview at the time she was Senator of the Republic, ii) an excerpt from a speech of during her candidacy for president, iii) a speech to an evangelical Christian worship. We seek also to deepen our reading about the constitution of the subject in the act of speech, addressing the notion of *ethos* as advocated by Charaudeau (2006) and Maingueneau (2008).

Key words: Subjectivity. Discourse Analysis. Semilinguistics Theory. *Ethos*. Marina Silva.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Marília de Camargo. **Marina**: a vida por uma causa. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova Análise do Discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996. p. 5-43.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo *et al.* (Org.). **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de um gênero acadêmico. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006. p. 146-176.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MELLO, Renato de. Os múltiplos sujeitos do discurso no texto literário. **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE / UFMG, p. 33-50, 2003a.

MELLO, Renato de. O quadro do contrato comunicacional de Patrick Charaudeau e o texto literário. **Caligrama Revista de Estudos Românicos**, Belo Horizonte, v. 8, p. 41-54, nov. 2003b.

Enunciado 1: BRASIL, Sandra. Marina Imaculada. **Revista Veja**, Edição 2128, p. 19-23, 02 set. 2009.

Enunciado 2: SILVA, Marina. *Precisamos de um novo Acordo Social*. Disponível em: http://www.minhamarina.org.br/discursos/interna.php?opc=C&op=1&opt=LT&id_discurso=7. Acesso em: 01 jan. 2011.

Enunciado 3: Panorama – Veja Essa. **Revista Veja**, Edição 2168, 09 jun. 2010.